

PSICOLOGIA E CULTURA: CULTURA E ELABORAÇÃO DE SIGNIFICADOS.

Psicologia e Cultura é campo particularmente fértil para problematizar a mútua constituição entre sujeito e mundo social. Propomos sessão coordenada de trabalhos de pesquisa teóricas e empíricas enfocando diversos processos de elaboração de significados em relação com o campo social, enfocando temas relevantes como alienação, religiosidade e pertença familiar.

SOBRENOME E SAÚDE MENTAL. *Ana Cecília de Souza Bastos, Eliana Sales Brito**, Hannah Fiterman**, Luciene Santos Figueiredo** (Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA)*

Pesquisando com as palavras-chaves sobrenome; saúde mental; família; herança, encontramos alguns estudos que abordavam como o diagnóstico psiquiátrico interfere na constituição da identidade dos sujeitos, mas não foram encontradas pesquisas que tragam o caminho inverso: “Como o Sobrenome, símbolo de identidade e de pertencimento, pode interferir na saúde mental do sujeito?”. São inúmeros os registros sobre epilepsia na história: na Bíblia há uma descrição de um jovem com sintomas de epilepsia, que se joga no chão, espuma e range os dentes, antes de desfalecer, cuja causa é atribuída a um espírito mau; Vincent van Gogh, pintor holandês do século XIX, que tem história familiar de doença mental; o escritor russo Fyodor Mikhailovitch Dostoiévski, cujas crises eram seguidas de estados confusionais, depressão, distúrbios transitórios de memória e fala, deixou vários escritos sobre as características da epilepsia antes mesmo de serem descritas por médicos. No Brasil, destacamos D. Pedro I, Primeiro Imperador do Brasil. Diferentemente da condução dada pela Família Real acerca dos ataques epiléticos de D. Pedro I, os quais eram divulgados mediante boletins médicos, portadores desta doença tendem ao isolamento social em razão do rótulo de ser “epilético” e por esta, ser ainda cercada por muito preconceito, levando ao estigma. Há muita dificuldade de convivência com a doença mental no contexto familiar, gerando relações conflituosas e muitas vezes desagregadoras, que evidenciam a fragilidade na família. Os sobrenomes podem vir repletos de articulação com a doença mental, pois propõem significados que há muito tempo teóricos se debruçam a quebrar: o rótulo do doido ou do louco. Certamente uma dificuldade de compreensão dos problemas do sofrimento psíquico reside na perspectiva individual e psicologizante centrada predominantemente no sujeito como mero portador de transtorno mental. Torna-se importante refletir sobre os fatores hereditários da doença mental, trazendo o foco para fatores ligados ao contexto social. A questão não se encerra em dizer se sou ou não sou louco, sou ou não sou depressivo, mas afinal, o que é ser ou o que torna alguém um alguém? No caso das famílias que levam com o sobrenome o estigma de uma doença mental, o que significaria este símbolo? Perante o novo – renovado –, a questão elementar para compreender algo seria escutar, com muita atenção. Coloca-se em pauta a dissolução de um obstáculo velho, produto de outro vício muito arraigado: a negação da reflexão sobre diversidade ao problema da identidade. Esta é uma questão central para que se apreenda o propósito por trás dessas agudas sentenças ‘eu sou’, ‘somos todos’. É com essa força que, com responsabilidade, vemos milhares de sobrenomes. Assim, iremos apresentar estudos relacionados à saúde mental e

hereditariedade. O item saúde mental e hereditariedade é o mais rico em termos de estudos realizados. Focalizaremos, neste trabalho, a epilepsia e a loucura.

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Sobrenome; Família; Saúde Mental

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

PSICOLOGIA E CULTURA: A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DO ESCRITOR LÚCIO CARDOSO. *Marcela Alves Silva**
e Miguel Mahfoud (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)

O cenário dos materiais autobiográficos nos oferece a oportunidade de apreender elementos universais da experiência humana no modo idiossincrático com que a pessoa, narrando suas vivências, se posiciona no mundo. Dessa forma, o presente trabalho possui como objeto colher a experiência religiosa que aparece no material analisado: o diário autobiográfico de Lúcio Cardoso (1912-1968), escritor mineiro de corrente intimista, explorador do universo humano. Considerando o que nos diz Luigi Giussani sobre Experiência Elementar, o modo como Lúcio Cardoso vive e narra suas vivências religiosas é tomado pelo recorte da tensão entre a finitude e a infinitude, a qual é a raiz da experiência humana – dentro de uma limitada condição, encontramos-nos com a realidade em uma busca que não se esgota. O objetivo do trabalho é, então, mostrar através desta tensão como o autor vive a religiosidade, dimensão de sua vida que apareceu na pesquisa como sendo de grande importância e provocação. Através do método fenomenológico, a experiência religiosa foi tomada nas seguintes categorias de análise: 1) O modo como o autor considera Deus, mistério que não se aprisiona em nossa mente limitada de humanos; 2) A noção de Igreja, motivo de questionamentos e críticas sobre o modo como é usualmente tomada; 3) A figura de Jesus Cristo, constante presença na vida de Lúcio Cardoso, fonte de paz e inquietação, apreendido enquanto um drama e não como abstração. A maneira urgente de o autor chamar a atenção de seus leitores para a vida relaciona-se com sua própria concepção da mesma, e, nessa concepção, encontra-se um criador, sem o qual seria impossível imaginar a existência e que sempre escapará à nossa total compreensão de seres limitados, não-absolutos. Nessa falível condição corremos o risco de perder o horizonte misterioso e amoroso que nos cria, considerando-nos detentores da verdade, formando uma Igreja fechada, dogmática, sem a abertura ou caridade que o autor julga essenciais. Para Cardoso, o lembrete de sentido encontra-se em Jesus Cristo, que, segundo ele, vem sendo substituído por uma abstração. Tal como recortamos, Cristo para o autor seria a personificação da tensão entre a finitude e infinitude que nos forma, de pólos não excludentes, mas coexistentes: ao mesmo tempo que nos aponta o infinito, o absoluto que nos criara e nos torna grandes, padece de nossa condição finita, escancara nossa pequenez. Não podemos, então, segundo o autor, tomá-lo como um ser longínquo que passeou pela Terra, mas como um humano, como nós, que muito sofreu. Lúcio Cardoso fala de todas essas questões quando fala de si, de suas vivências. Assim, foi possível colher uma estrutura, que nos permite ir além do conteúdo expresso, bem como tomar o tema universal da religião enraizado na experiência. O que essa pesquisa mostra é que Lúcio Cardoso foi uma pessoa atenta ao drama de viver, à urgência de sentido. Alguém que, íntimo de sua vida, nos convida a examinar a nossa e provocando que não tomemos de forma genérica dimensões tão importantes como a religiosa.

Apoio financeiro/Bolsa: CNPq

Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

Palavras-chave: experiência religiosa, autobiografia, fenomenologia

Área da Psicologia: RELIG - Psicologia da Religião

SOBRENOME “SUBJETIVO”: NARRATIVAS E SIGNIFICADOS. *Lorena Márcia Nascimento Cardoso***, *Priscila Brito Colombo** (*Família, (Auto)Biografia e Poética, Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA*)

Todo ser humano nasce em uma família. Na complexidade das relações familiares, o sentido de pertencimento se alinha ou se distancia. O pertencimento se refere ao aspecto mantenedor dos vínculos, ou seja, à sensação de se reconhecer como parte integrante de um grupo e de uma cultura. Pertencer a uma família vai além das barreiras impostas pela genética e pela justiça no ato formal de reconhecimento de paternidade. O pertencer está imerso em um contexto subjetivo cuja manifestação se evidencia no momento de apropriação do sobrenome, ou seja, o sobrenome funciona como um elemento que confirma, legaliza e institucionaliza o pertencimento da pessoa a um determinado grupo familiar. Culturalmente, o fato de “ser de uma família” é carregado de significado, sendo um passaporte para um universo delimitado, onde para alguns representa privilégios, para outros um desconforto ou indiferença. Há os que se remetem a uma história e aqueles que o percebem apenas pelo prisma simplificado da sua filiação (pai e mãe). Logo, o significado de um sobrenome depende do sentido em que ele é empregado e do lugar que ocupa nas relações internas e externas. Através das disposições afetivas estabelecidas pelos significados são configuradas a idéia de familiar, comum, singular, novo, estranho e surpreendente, enquanto a rede de significados, a organizadora das nossas vivências, favorece o sentido de continuidade da existência e do próprio self. Os significados são, assim, gerados através das interações, mudando à medida que novos diálogos e conversações surgem, sendo construídos na interação entre as pessoas. Portanto, as experiências vivenciadas no âmbito familiar são aspectos imprescindíveis na constituição do mundo subjetivo, referindo-se à totalidade complexa da experiência imediata que dinamicamente se modifica.

Nível do trabalho: Mestrado - M

Palavras-chave: sobrenomes; subjetividade; história familiar

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

A CRISE DE POSICIONAMENTO NO CONTEXTO DA PLURALIDADE MODERNA: O SENTIDO DO SER E DO AGIR POR EDITH STEIN. *Camila Gontijo Silva**, *Miguel Mahfoud* (*Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, MG*)

É de interesse da Psicologia Social analisar a dinâmica da relação mutuamente constituinte entre indivíduo e mundo social. A cultura caracteristicamente moderna gerou estruturas que se estendem até a contemporaneidade, e a problematização de como os indivíduos estabelecem relações dinâmicas com seu meio é uma discussão atual abordando as exigências e crises de sentido, de ação e atualização. Dentre suas consequências, destaca-se o fenômeno do pluralismo cultural dentro de um mesmo contexto social. A multiplicidade de sistemas de valores, a enorme oferta de sentidos

fragmentados a disposição do indivíduo problematiza a liberdade de escolha. O sentido da ação nas áreas individuais é introduzido com grandes rupturas no sentido geral da conduta de vida e esta diz respeito a um sistema de valores incoerentes, permitindo mecanismos desencadeadores de crises subjetivas e intersubjetivas de sentido nas sociedades ocidentais contemporâneas. São questões da presente pesquisa: 1) “A partir do quê se orientar para tomadas de posição tendo em vista opções pluralistas?”; “Como estabelecer o significado da ação individual em uma realidade de grandes rupturas de sentido?” e 2) a estrutura da pessoa humana assim como formulada por Edith Stein ofereceria respostas a essas provocações? Foi feita uma análise do livro *Potência e Ato* escrito por Stein, do qual foi possível apreender suas colocações sobre o significado da natureza humana para a problemática da ação e do sentido. A autora elabora o desenvolvimento da corporeidade e da psique humanas assim como da dimensão do espírito, apontando o núcleo pessoal que articula dinamicamente estas três dimensões da estrutura humana. Edith Stein configura a ação como uma dinâmica que permite reconhecimento e atualização de diferentes potencialidades presentes no eu. Concluímos que seu trabalho identifica comunhões de sentido, tanto para o ser como para o agir, a partir do reconhecimento de um centro pessoal que nortearia o indivíduo para uma relação realizadora de sentido com a realidade contemporânea que o provoca, atualizando suas potências e realizando suas exigências de ação com a sociedade. Essa elaboração deixa, portanto, a possibilidade de reconhecer um norte no próprio ser pessoal que permite que ele se conecte com inteireza em seus atos diante dos desafios que a realidade propõe.

Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

Palavras-chave: Edith Stein; Crise de sentido na modernidade; pessoa

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social